

“O teatro é a única arte onde o encontro é imprescindível”

Na primeira das cinco sessões do esperado curso do Festival – *O sentido dos Mestres* – o dramaturgo (e poeta) espanhol Alberto Conejero López (n. 1978) contagiou ontem todos com o seu entusiasmo e paixão pelo(s) texto(s). Na Casa da Cerca, com vista deslumbrante para a outra margem do Tejo, começou a semana dedicada a “Uma literatura em chamas: cinco apontamentos sobre dramaturgia e escrita dramática”.

“Chamo-me Alberto e não escrevo teatro – sou um escritor *para* teatro, escrevo *no* teatro”, começou por dizer o dramaturgo, acrescentando: “entrego palavras que têm fome, escrevo textos que nascem com o ardor dos amores não correspondidos”. Quem quer escrever teatro tem de saber ceder, saber renunciar, porque a obra nunca

a missa, há missa?”, recebendo de resposta: “Não, porque para haver missa tem de haver comunhão”. Segundo o dramaturgo, o teatro é exactamente igual: se não se produz *comunidade*, não é teatro. O teatro é a única arte onde o encontro é imprescindível.

O assunto da escrita dramática é sempre a humanidade e tudo o que ela comporta: a maldade, a crueldade, a mesquinhez, o ridículo, a generosidade, a bondade, o maravilhoso... É a arte mais efémera, a mais parecida com a essência humana: o teatro relembra-nos quem somos e ocupa-se das nossas feridas.

Este curso fala das ferramentas necessárias para escrever para teatro, e Conejero apresentou quatro pontos para o guião d’*O sentido dos Mestres*: Espaço (que nunca é

que não sabíamos que existia. O que perde a personagem quando ganha e o que ganha quando perde?

Conejero trouxe-nos vários exemplos: de Shakespeare (*Sonho de uma noite de Verão*, *Hamlet*, *Romeu e Julieta*) a Tennessee Williams (*Um eléctrico chamado Desejo*) ou Jon Fosse, passando por Federico García Lorca (*A casa de Bernarda Alba*) e pelos clássicos *Antígona* (Sófocles) e *Medeia* (Eurípedes), sem esquecer uma história maravilhosa do “cancelado” (como dizemos hoje) Frínico e a sua peça *A queda de Mileto*, com um coro só de mulheres, sobreviventes da batalha retratada entre gregos e persas.

No fim, a interrogação: “Posso desejar o que tenho, ou o desejo implica sempre algo que não tenho?”. Quando uma personagem se apercebe do seu desejo já não se pode livrar dele. O desejo constrói a imagem do que não temos, põe-nos em movimento (mesmo se não sairmos do mesmo sítio). O desejo constrói uma realidade que ainda não existe, mas na qual já começámos a habitar. Só acabará quando se cumprir ou quando as hipóteses de se cumprir se esgotarem por completo.

E qual é o maior desejo de Hamlet, o príncipe da Dinamarca? Leia a *Folha informativa* de amanhã para descobrir!

INÊS RODRIGUES

Rui Neto amanhã na Esplanda

Rui Neto - actor, encenador e fundador da LoboMau produções, que apresenta o espectáculo *Monóculo, retrato de S. von Harden* - estará na Esplanada às 18h00 para conversar com o público do Festival: a moderação estará a cargo de João Carneiro. Rui Neto (Lisboa, 1979) é licenciado em Publicidade e Marketing, Teatro, tem um mestrado em ciências da comunicação, e foi professor-adjunto na Escola Superior de Teatro e Cinema. Em 1999 estreia-se como actor na peça *O achamento*, dirigida por Madalena Wallenstein. No cinema estreou-se com a curta-metragem de Inês Oliveira *Nome e NIM*, desenvolvendo outros trabalhos e uma longa-metragem: *Mistérios de Lisboa*, de Raoul Luiz. Trabalha com regularidade em projectos de Televisão.



© Pedro Blanc

é do autor, é sempre colectiva: “O que fazemos são textos sempre incompletos que têm de ser preenchidos. A obra, o espectáculo final, não é meu, tem a assinatura de todos quantos participaram nele. E se não confias, se não consegues ceder, então não podes escrever para teatro”.

“Não existe teatro sem harmonia com os outros” e isso significa confiança. Havendo teatro, ele acontece sempre na 1.ª pessoa do plural – nós. Conejero contou que uma vez, num curso como este, um dos participantes era um padre. O autor aproveitou para lhe perguntar: “Se não aparecer ninguém para

decoração, mas metáfora da própria obra); Tempo (sempre efémero); Personagem (presença); Conflito (tensão e risco).

Ouve-se muito que o teatro é “a arte do conflito”, mas o dramaturgo contesta: para ele o teatro é “a arte do vínculo ameaçado”. Porque só existe conflito existindo vínculo. E quanto mais forte for o conflito, mais profundo será o vínculo entre as personagens. O conflito tem sempre uma dimensão interior, íntima, e o teatro acontece quando a personagem tenta resolver esse conflito, partindo-se em dois. O conflito põe-nos no território do “ser e não ser”, faz emergir algo

O Livro do Dia



2€ nas bancas do Festival

Agenda de Amanhã

CURSO "O SENTIDO DOS MESTRES" COM ALBERTO CONEJERO

Casa da Cerca — 15H00

CONVERSA COM RUI NETO

Esplanada — 18H00

SANA CISSOKHO

Esplanada — 20H30

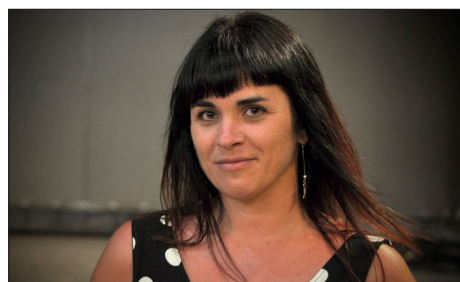
ZUGZWANG

Escola D. António da Costa
22H00

O Festival visto de fora

O tempo devagarinho

'JÁ' no caminho entre o aeroporto e o hotel senti que isto ia ser mesmo muito especial. Abertura, sorrisos, profissionalismo. Foram as minhas primeiras impressões. Teria chegado, mas não faz mal nenhum ver também uma mão-cheia de bons espetáculos. Espectáculos que nos comovem, que nos fazem pensar, e dos quais recordaremos um momento da representação, ou uma solução encontrada pelo encenador. E agora, no final do quarto dia



© Pedro Castanheira

O teatro como plano de fuga

"Aqui há um público diferente, um verdadeiro público que ama o teatro". Só os mais distraídos, ou quem pise pela primeira vez os palcos deste Festival, podem surpreender-se com as palavras de Anne de Amezaga. A co-directora da Compagnie Louis Brouillard regressa a Almada, desta vez com *Marius*, de Joël Pommerat, e a conversa na Esplanada tem os minutos contados, para a derradeira apresentação na Sala Principal do TMJB, mesmo ali ao lado. Não houve por isso tempo para dar respostas às inquietações do público, e eram muitas, perante a exposição apaixonada dos bastidores duma peça cuja história começa dentro dos muros da prisão de Arles, em Marselha, há mais de uma década.



© Pedro Blanc

Um pouco antes até, quando Jean Ruimi desenhava o seu plano de fuga: o teatro.

Hoje, actor da companhia, após ter cumprido a pena de 17 anos, ele é o exemplo duma história maior, provando que a relação com a arte repara, e que mesmo cercada pelos muros duma prisão permite o sonho e a liberdade. E contudo, alerta Anne de Amezaga, "é preciso combater, é preciso tempo". E uma certa loucura, se pensarmos num teatro construído na prisão. Foi assim que aconteceu, até aqui chegarmos.

Seria preciso mais do que um quarto de *Folha* para percorrer, sem amarras, o tempo desta conversa, em que Anne de Amezaga deixou o testemunho de um trabalho de inclusão, a força do teatro que nos faz estremecer, vacilar, questionar, ou até chorar - como alguém do público confessava sem pudor: "Ontem fartei-me de chorar", numa viagem tão intensa quanto bonita.

Faltam 5 minutos para começar *Marius*, ficam perguntas no ar a que Anne de Amezaga há-de responder após o espectáculo, já no foyer do teatro. Dêem-lhe tempo.

TERESA DIAS MENDES

da minha estada nesta cidade, essa primeira sensação que tive não diminuiu - antes pelo contrário. Quem organiza este Festival parece ter uma espécie de calma do outro mundo, e têm sempre uma palavra simpática para todos - para os convidados, para os estagiários, para as mulheres que cozinham. Parece que nesta cidade o tempo abrandou. Esta programação é bastante diversificada: todos podem escolher o espectáculo que lhes convém.

Na primeira noite, disfrutámos do ritmo partilhado entre um malabarista francês e um baterista. No dia seguinte recebi uma mensagem do baterista, o Pierre Pollet: "Zsófi, vi a tua story no Facebook. Estiveste ontem em Almada? Podíamos encontrar-nos". Percebi que tinha ficado sentada tão afastada do palco, que não o reconheci. O mundo é pequeno. Uma vez que o teatro português raramente chega à Sérvia, é entusiasmante descobrir o que cá se faz; observar como os actores representam, a dramaturgia, o tipo de textos que escolhem, e o modo como trabalham a cenografia e os figurinos. As peças que o Festival proporcionou, para mim, foram refrescantes e refinadas. Sabe bem estar cá. E, fechando este texto com outro 'JÁ': já tenho pena de ter de partir em breve.

SZOFI SZERDA, jornalista sérvia

Zugzwang amanhã no Palco Grande



© Martin Argyrogio

Restaurante da Esplanada

HOJE

Piano no forno

Robalo no forno

Rissotto de beringela e tomate

AMANHÃ

Chili com carne

Bacalhau à Gomes de Sá

Caril de lentilhas e espinafres